

**A Arteterapia e a Psicopedagogia:
contribuições para o vínculo
durante a avaliação
psicopedagógica**

Autora: Daniele G. F. Amorim

ARTETERAPIA E PSICOPEDAGOGIA: CONTRIBUIÇÕES PARA O VÍNCULO DURANTE A AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA.

Daniele Garcia Freschi Amorim¹

Eliana Moraes

Mariana Farcetta

RESUMO. O início dos atendimentos psicopedagógicos é um momento importantíssimo para todo o processo que acontecerá entre paciente e terapeuta, pois é ali que se estabelece um vínculo que será a base para que o aprendizado aconteça. É preciso que o profissional esteja atento a muitos fatores, pois se inicia também um processo investigativo das hipóteses que estão causando as dificuldades de aprendizado que esta criança ou adolescente apresenta. Portanto, é um momento de levantamento de dados quantitativos e qualitativos, envolvendo testes, sondagens, desenhos e especialmente um cuidado com o vínculo que se estabelece de confiança entre terapeuta e paciente. Este artigo objetiva mostrar como a Arteterapia pode contribuir para a formação de um vínculo facilitador durante o período de avaliação psicopedagógica, bem como durante todo o processo de intervenção que se seguirá com o paciente. Um encontro facilitado pela Arte.

Palavras chave: *Psicopedagogia; Avaliação Psicopedagógica; Vínculo; Arteterapia.*

INTRODUÇÃO

Em minha prática como docente e supervisora do curso de pós graduação de Psicopedagogia ouço muitos relatos de que a criança ou adolescente não desenhava, recusou-se e por isso não foram aplicados os testes projetivos mais comumente utilizados (par educativo, desenho da família) e que, portanto, não há registro gráfico para embasar a avaliação ou que o paciente não aceita desenhar e por isso nenhuma atividade nesse sentido foi aplicada. Nesse momento vejo que técnicas da Arteterapia facilitam esse processo. A partir do momento que iniciei os estudos e aprofundamento nas técnicas arteterapêuticas, comecei a fazer uso em meus atendimentos logo nos primeiros encontros com as crianças que atendo e isso facilitou em muito todo o processo. (trecho de diário da pesquisadora Daniele Garcia Freschi Amorim)

¹ Estudante, Psicopedagoga, Orientadora Familiar e pós graduanda em Arteterapia.

Email: daniele.garcia.amorim@gmail.com

Instituto Faces.

O início dos atendimentos psicopedagógicos é marcado por muitas investigações, pois é o momento em que o profissional precisa estar atento à uma vasta coleta de dados dos aspectos cognitivos (pedagógicos), psicomotores e emocionais que estão envolvidos no processo de aprendizado daquela criança ou adolescente. Inúmeras atividades, testes, sondagens são de conhecimentos dos profissionais que muitas vezes são utilizados antes mesmo de um vínculo ser estabelecido com quem está sendo atendido.

Todo diagnóstico psicopedagógico é, em si, uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada. Será, portanto, o esclarecimento de uma queixa, do próprio sujeito, da família e, na maioria das vezes da escola.. (WEISS, 2004, p 27)

A partir do primeiro atendimento e se estendendo a aproximadamente uns dez a doze encontros é o período que o profissional da psicopedagogia leva para realizar a avaliação segundo Weiss (2004). Nessa fase do atendimento, o profissional precisa ter uma escuta atenta e sensível ao que seu paciente está lhe trazendo e solicitando a cada encontro. É nesse momento que a Arteterapia pode contribuir, pois ao mesmo tempo que permite esse encontro facilitado pela Arte (pintura, colagens, música, poesia e etc), oferece inúmeros recursos que envolvem qualquer idade e perfis diferenciados, atingindo as crianças e adolescentes mais ou menos expressivos. Este estudo tem como objetivo mostrar o quanto a Arteterapia pode colaborar nos atendimentos psicopedagógicos principalmente na fase inicial de avaliação, facilitando a formação de vínculo principalmente, permitindo ao terapeuta iniciar de maneira mais envolvente e motivadora suas observações mais técnicas e que são necessárias para um trabalho psicopedagógico que envolverá os aspectos pedagógicos, emocionais e psicomotores.

“O sucesso de um diagnóstico não reside no grande número de instrumentos utilizados, mas na competência e sensibilidade do terapeuta em explorar a multiplicidade de aspectos revelados em cada situação.” [...] (WEISS, 2004, p. 30)

Segundo Weiss (2004), o uso de testes e provas não é indispensável em um diagnóstico psicopedagógico, esses testes representam um recurso a mais a ser explorado pelo terapeuta, sendo uma complementação e selecionados de acordo com a necessidade e queixa trazida por cada paciente.

Equilibrar esses atendimentos iniciais com momentos que permitam a livre expressão pode facilitar o processo para a criança e ou adolescente e também para o terapeuta, que irá se deparar com uma pessoa mais acessível, mais disponível e permitindo ser olhada.

“Através dos meios artísticos, a pessoa exprime o que ela não saberia revelar de outra forma. Dizemos com frequência que uma imagem vale mil palavras, pois ela é uma forma de expressão simbólica, não verbal, que revela o que se passa nas profundezas da psique.”(DUCHASTEL, 2010, p. 32).

Segundo Parente (2008), uma das tarefas importantes do diagnóstico que é realizado com um paciente é o resgate do amor e isso importa muito no caminho da cura. Segundo a autora, se nesse caminho do tratamento e diagnóstico não houver amor e paixão pelo sujeito atendido, haverá banalização dessa pessoa. Não haverá cura se não houver entendimento de quem é aquela pessoa.

Que sinta que sua personalidade se diferencia das outras e tem um caminho próprio que é capaz de construir, que vislumbre uma possível escolha, certo grau de liberdade, ainda que seja no conhecimento. (PARENTE, 2008, p 47)

Para Weiss (2004), é importante que o terapeuta consiga perceber e compreender os pedidos de ajuda, dependência, proteção, reações que são expressas durante os encontros de diagnóstico. Observando e compreendendo bem o que acontece, e se colocando de maneira adequada podendo auxiliar o paciente a continuar nesse processo de diagnóstico.

Em Duchastel (2010) há uma definição de Arteterapia que ajuda na compreensão do potencial terapêutico que encontramos ao fazer uso de suas técnicas. A autora define a Arteterapia como a abordagem psicoterapêutica onde a experiência lúdica e criadora em arte visual, música, teatro ou dança constitui o principal modo de comunicação entre um paciente e seu terapeuta, permitindo uma expressão não verbal e simbólica no plano protegido e assegurador que acontece em uma relação terapêutica.

Duchastel (2010), desenvolve a ideia de que através dos meios artísticos, a pessoa é capaz de demonstrar, revelar, o que ela não saberia fazer de outra forma, utilizando uma forma de expressão simbólica, não verbal, que revela o que se passa em sua psique.

Os meios artísticos são utilizados para nos propulsar em um ar de brincadeira que nos permitirá reatar com a riqueza de nosso imaginário e de encontrar nosso poder natural de criação. Todas as crianças desenharam, cantam, dançam e inventam personagens: a criatividade é uma atividade natural que pode se desenvolver em cada um de nós. (DUCHASTEL, 2010, p.33)

Esse encontro entre terapeuta e paciente, o vínculo que aqui se estabelece pode favorecer esse aproximar do profissional ao sintoma que lhe é trazido. Costa (2010), em seu livro *Psicanálise com Crianças* cita Winnicott, pediatra, psiquiatra e psicanalista, em um trecho jogando luz ao atendimento psicanalítico com crianças, se referindo a esse encontro, que enriquece o presente estudo:

No atendimento psicanalítico com crianças, Winnicott não se preocupava com a demanda de análise, estabelecimento de um diagnóstico, nem mesmo com a interpretação. Ele buscava estabelecer uma comunicação com a criança, um encontro espontâneo. [...] (COSTA, 2010, p. 32)

É possível fazer um “passeio”, mesmo que breve, pela obra de Winnicott para dar início ao termo vínculo. Winnicott foi pediatra, psiquiatra e psicanalista que muito contribuiu para o estudo do desenvolvimento emocional em especial do vínculo inicial que se estabelece entre uma mãe e seu bebê. Esse vínculo é a base para todo desenvolvimento e aprendizado que virá. Falar de vínculo é pensar nessa relação também de maternagem. O início do atendimento psicopedagógico muitas vezes é cenário para que este profissional perceba como se estabelece o vínculo da criança com ele e com o aprendizado. Qual uso essa criança faz desse espaço de acolhimento e atendimento? Quais demandas traz consigo nestes encontros iniciais e que a partir do vínculo que se começa estabelecer ali entre terapeuta e paciente o caminho para um processo de cura será traçado. É preciso um olhar ampliado, tanto para os aspectos ligados ao pedagógico / cognitivo, quanto aos aspectos afetivos que cercam todo esse encontro.

Pensar em vínculo é pensar em conexão, ligação, isso traz consigo a ideia de dependência. Dessa dependência, Winnicott (1983) desenvolve toda sua teoria do amadurecimento. A relação que se inicia entre paciente e terapeuta acaba por refletir e se basear também em um processo de confiança de quem está sendo atendido e o profissional que acolhe e se adapta inicialmente a suas necessidades e que aos poucos esse terapeuta vai diminuindo essa adaptação exclusiva, permitindo que quem está sendo atendido desenvolva sua autonomia também. Esse processo de amadurecimento é fundamental para o desenvolvimento também das aprendizagens como um todo ao longo de toda a vida.

Tendo em vista a importância do vínculo entre paciente e terapeuta, este artigo objetiva mostrar como a Arteterapia pode contribuir para a formação de um vínculo facilitador durante o período de avaliação psicopedagógica, bem como durante todo o processo de intervenção que se seguirá com o paciente.

Dessa forma, o uso de técnicas da Arteterapia durante estes encontros iniciais do psicopedagogo com a criança ou adolescente atendido facilita o início de todo processo investigativo e o trabalho de intervenção que acontecerá posteriormente.

MÉTODO, RESULTADO E DISCUSSÃO

O presente estudo foi realizado de março de 2022 a dezembro de 2022 como estudo de quatro casos de crianças atendidas em consultório. Com embasamento e análise dos materiais

coletados durante atendimentos psicopedagógicos de avaliação e resultados do uso da Arteterapia. Foram utilizadas referências bibliográficas das áreas de Psicopedagogia e Arteterapia.

Serão citados e discutidos três casos atendidos neste período e os nomes utilizados são fictícios.

Graça, 12 anos

- Quantidade de encontros utilizando Arteterapia: oito
- Breve relato do caso e queixa: Sua mãe procurou a avaliação psicopedagógica por questões atencionais. Explicou durante a entrevista sobre as dificuldades escolares da filha e das más notas na escola. Adiantou que a filha falava pouco, era fechada, usava roupas que escondiam seus braços e pernas. Não aceitava ficar sem máscara (após a vacinação de Covid) e mesmo em lugares abertos “se escondia atrás da máscara”.
- Intervenção de Arteterapia: A avaliação foi diferenciada pois ampliaria as testagens de atenção, também para aspectos cognitivos e psicomotores, foi necessário cuidado para que as atividades não invadissem o espaço de Graça. A cada encontro eram propostas atividades em que fosse percebida alguma abertura e interesse em falar.
- Resultado: Nesta atividade foi proposto que a paciente escolhesse uma cor para família, amigos, sua vida pessoal, escola e esportes. Sugeriu-se que cada camada circular (que já estava no papel) fosse colorida com aquarela nas cores selecionadas. (Ver figura 1). Após a atividade conversou-se sobre cada uma dessas áreas, pessoas, níveis de envolvimento e a importância de cada uma delas. Graça realizou o registro escrito, assim foi possível também observar como a mesma tem lidado com algumas situações vivenciadas e seu nível de produção textual. Aos poucos Graça foi falando mais, conversando sobre seu dia a dia e conforme as atividades eram propostas revelando questões de ansiedade, medos e inseguranças.

Outra atividade realizada utilizou-se tinta e sacola plástica na qual Graça realizou um carimbo abstrato no papel e na sequência tentou dar o formato de algo que lhe chama atenção na imagem. (Ver figura 2) Criou um dragão e colocou seus detalhes. Foi proposto para Graça que escrevesse um texto sobre o dragão e observou-se a produção escrita, ortografia, sequência de fatos e organização textual.

Em outro momento, foi proposta a leitura de um livro chamado “O homem que roubava horas” e na sequência sugeriu-se que realizasse uma produção a respeito do que mais lhe chamou atenção na história utilizando bandeja de isopor. Ela escolheu então registrar com caneta esferográfica. Enquanto realizava sua produção pudemos conversar sobre o que entendeu da história e pude observar o nível de interpretação do que ouviu. (Ver figura 3).

Breno, 6 anos

- Quantidade de encontros utilizando Arteterapia: cinco
- Breve relato do caso e queixa: Chegou para avaliação psicopedagógica encaminhado pela escola por apresentar dificuldades na alfabetização. Mostrava-se um menino atento, cognitivamente se desenvolvendo bem, mas diante de atividades de escrita e leitura, apresentava resistência e se recusava a fazer. No primeiro encontro Breno estava silencioso, observador, não se entregava ao brincar, não sorria, não se divertia com o que era proposto com jogos e brinquedos disponíveis na sala, respondia somente com a cabeça ao que lhe era perguntado .
- Intervenção de Arteterapia: Foi proposto experiências que ele pudesse se expressar sem o uso das palavras. Inicialmente utilizou-se a tinta. Breno produziu com muita calma suas pinturas, colocando muitos detalhes, sem pressa alguma de encerrar e exigindo que eu fosse com calma, sem muitas palavras, permitindo o tempo que ele precisava para confiar.
- Resultados: No segundo encontro foi proposto a criação de um cenário com blocos de montar com Lego. Foi percebido de imediato um interesse maior em fazer. Breno montou junto com a psicopedagoga um aeroporto com pista de voo, placas, lanchonetes e estacionamento. Aproveitando a situação, a terapeuta escreveu em papéis (separadamente) placas sinalizadoras e sugeriu como cenário. Breno aceitou e foi tentando ler as placas. O silêncio ainda era grande, sem muitas palavras, pouca interação e respondendo somente ao que era perguntado.

A partir desta atividade, que Breno chamou de “Pokebola” (figuras 4 e 5), propus que escrevesse sílabas e prontamente quis escrever, permitindo que eu pudesse observar um pouco sobre sua escrita.

Foi proposto então, em um próximo encontro, uma brincadeira com formas geométricas e na sequência sugerido o uso do compasso. Mesmo sendo pequeno e apresentando pouca habilidade com o compasso, demonstrou-se interessado e aos poucos foi se comunicando mais, interagindo, o que era algo difícil para ele, que a princípio se apresentou muito calado. Enquanto realizava a atividade, contou que era um escorregador muito grande que dava muitas voltas, tinha uma entrada e uma saída e que as crianças gostavam muito de brincar nele. (Figura 6)

Com esta atividade foi possível observar seus traços finos, noção de profundidade ao fazer o centro do escorregador e seu nível de concentração na realização da atividade.

Muitos foram os encontros que seguimos nesse mesmo movimento. Silenciado, atento a tudo que fazíamos, tentando impor o que queria fazer e pouco se interessando pelo que eu propunha. Nas conversas com os pais, foi explicado que a avaliação psicopedagógica estava fazendo um caminho diferente, pois, por conta da resistência em se aproximar do mundo letrado, outros caminhos, pela arte e criação estavam sendo propostos, para que aos poucos ele se soltasse mais e o vínculo com a terapeuta estreitasse, permitindo que experiências do mundo letrado e alfabetização fossem trabalhadas e avaliadas.

Somente no décimo primeiro encontro com Breno que foi possível ir diretamente a uma proposta de trabalho de escrita e consciência fonológica. (Figura 7).Logo ao entrar propus a ele um jogo de organização de figuras de animais envolvendo letras e ele sem recusa e motivado aceitou prontamente e iniciou o jogo comigo. Isso possibilitou nesse dia, trabalhar consciência fonológica, organização de letras na correta posição, sílabas complexas envolvendo letras que ainda não havia trabalhado na escola e ele se empenhou satisfatoriamente.

Esse tempo foi necessário para ele. Equilibrar a ansiedade também foi importante para perceber o que ele estava disposto e quanto estava disponível em cada momento a oferecer para no momento certo, acessar as questões pedagógicas dele.

Isso demanda tempo, paciência e é algo que o profissional da psicopedagogia pode se beneficiar no decorrer do seu trabalho se conseguir abrir esse espaço do olhar, da escuta, para além dos testes quantitativos que sim são importantes.

Segundo Parente (2008), o trabalho diagnóstico é um trabalho de detetive no qual se busca descobrir não quem cometeu algo de errado, mas sim, de procurar, buscar a função do

não-saber e que função isso tem na vida daquela pessoa que está sendo atendida. Segundo a autora esse trabalho pode levar um tempo que é rico e útil pois é daí que surgirão possibilidades de trabalho.

Marcos, 9 anos.

- Quantidade de encontros utilizando Arteterapia: 4
- Breve relato do caso e queixa: estava em avaliação psicopedagógica e no seu quarto encontro. Sempre demonstrando e verbalizando muita insegurança e baixa auto estima com relação a suas produções e leituras. Dizendo que não sabia, que não conseguiria, perguntando que nota ganharia por tais trabalhos que estávamos fazendo (testes e atividades de sondagem).
- Intervenção de Arteterapia: foi proposto a leitura do livro “O ponto” do autor Peter H. Reynolds (2019) e propus que a partir de um ponto deixasse sua criatividade livre e criasse o que quisesse. Neste momento pude ver outro menino na minha frente, seguro, feliz, se deliciando com as tintas, sem medo de registrar no papel o que queria. Ao mesmo tempo, foi possível nesse momento perceber sua dificuldade com a pega do pincel, a dificuldade com a utilização da tinta e do gesto do pincel no papel, sua coordenação motora. Ou seja, uma proposta arteterapêutica me auxiliando de duas formas: permitindo que Marcos tivesse uma experiência criativa com sua produção e me permitindo um olhar mais refinado para a qualidade de seus gestos.

Através das tintas, giz, pincéis, papéis, sucatas, blocos de montar, brinquedos, pode-se ver com maior facilidade a possibilidade de avaliar a escrita, leitura, matemática, atenção, agitação motora e acima de tudo os aspectos emocionais que permeiam tudo isso, pois o vínculo se tornava mais fácil de se estabelecer, uma vez que era um facilitador para o paciente se expressar para além das palavras e registros escritos, os quais, muitas vezes, era exatamente onde se localizava a dificuldade da criança/adolescente.

Em uma das atividades aplicadas, foi possível observar a dificuldade de Marcos com a utilização das tintas, pincéis, pouca organização com os materiais, mas ao mesmo tempo, foi o primeiro momento que se apresentou seguro e satisfeito com uma produção sua. (Figura 8)

Para Parente (2008), através da arteterapia, o sujeito pode trazer à tona o que sabe através do uso dos materiais e isso é importante para o processo de avaliação psicopedagógica, pois é nesse momento que podemos olhar também como está o vínculo dele

com o aprendizado. Como se coloca frente a um desafio, o que arrisca fazer, o que ousa colocar no papel ou criar. Para a autora, o sujeito vai tentar fazer alguma coisa e nessa busca ele vai se envolver num processo de aprendizagem. É nesse momento que é possível ver como ele aprende por si mesmo, o que ela chama de autoaprendizagem. Para ela, toda aprendizagem criativa é uma aprendizagem por si só, uma recriação do conhecimento.

Para Moraes (2018), no ambiente arteterapêutico, é possível que o indivíduo saia do ponto zero e entre em movimento. Onde o agir criativo se transforma em convite para a saída dessa inércia, movimentando-se no ponto de vista físico, psíquico e cognitivo e que isso pode ser um ensaio para movimentos que serão feitos na própria vida, possibilitando espaço para o que é novo. Mais uma vez, temos aqui uma oportunidade de enriquecimento da psicopedagogia através das técnicas expressivas utilizadas na Arteterapia.

Um dos encontros feitos com uma adolescente após iniciar a pós graduação em Arteterapia, no qual foi proposta uma atividade arteterapêuticas como maneira de conhecê-la (Figura 9), foi o que marcou esse início de transformação na prática clínica, pois a partir daquela atividade, não foi necessária a utilização de muitas palavras para estabelecer uma conexão inicial e permitiu uma conversa muito mais solta, leve, na qual ela pode já trazer conteúdos importantes, além de favorecer o vínculo entre terapeuta e paciente. Inclusive o *feedback* de sua mãe sobre esse primeiro encontro com uma frase que chama atenção: "Eu gostei dela porque eu não precisei falar muito, fizemos uma atividade e foi muito gostoso". (Figura 9). Interessante olhar com atenção para este aspecto, pois com adolescentes, são necessários tato e sensibilidade redobrada nos primeiros encontros, uma vez que chegam muitas vezes resistentes a falar, se abrir, com uma ideia de que vamos invadir seu espaço.

Equilibrar os atendimentos iniciais com momentos que permitam a livre expressão pode facilitar muito o processo para a criança/adolescente e também do terapeuta, que irá se deparar com uma pessoa mais acessível, mais disponível e permitindo ser olhada.

Segundo Parente (2008) uma das tarefas importantes do diagnóstico que é realizado com um paciente, é o resgate do amor e nesse caminho do tratamento e diagnóstico, se não houver amor e paixão pelo sujeito atendido, haverá banalização dessa pessoa. Não haverá cura se não houver entendimento de quem é aquela pessoa.

Nesse ponto foi possível perceber o quanto a Arteterapia poderia contribuir para o processo todo de investigação, diagnóstico, e conseqüentemente uma ressignificação do que não está caminhando bem no processo de aprendizagem, independente se a queixa era de

desatenção, problemas na escrita, leitura, notas baixas, hiperatividade. Ao propor atividades nas quais pudessem se expressar com diferentes materiais, as resistências diminuíram, a criatividade surgia, o vínculo se estabelecia e me abria portas para acessar conteúdos que eu precisava olhar como psicopedagoga de maneira fácil do que se eu apresentasse apenas testes e atividades pedagógicas àquela criança/adolescente.

Weiss (2004) relata em sua obra que quando percebe que o paciente apresenta grande resistência sinalizando que o engajamento está difícil de acontecer, interrompe o processo investigativo de avaliação e faz uma reflexão sobre o que pode estar acontecendo ali, é importante essa sensibilidade, se permitir essa pausa, esse olhar sistêmico para o que ali pode estar acontecendo para além dos testes e provas quantitativas.

Assim, vemos que o processo diagnóstico baseia-se no inter-relacionamento dinâmico e de condutas interdependentes entre o terapeuta (diagnosticador) e o paciente (o diagnosticado), a comunicação estabelecida entre ambos faz com que o terapeuta atue (de forma consciente e inconsciente) sobre o paciente sempre que apresenta qualquer conduta. (WEISS, 2004, p 34)

Para a autora citada acima, tudo nessa comunicação é importante de ser olhado, desde as palavras, o modo de falar, a atitude, os gestos corporais e sua movimentação, trazendo para o terapeuta informações tão importantes quanto os testes que podem ser utilizados.

Vê-se que esse processo exige maturidade, paciência, tranquilidade do terapeuta, para se conectar com aquela criança/adolescente e perceber com uma escuta sensível que junto com toda a carga de dificuldades, existe um ser humano com potencialidades e demandas próprias muitas vezes carregada também de angústias, com seu potencial criativo bloqueado e que esta pode ser inclusive a causa de sua “dificuldade escolar”.

O caminho de cura consiste, com frequência, em superar a resistência, vencer o medo que nos paralisa e nos impede de experimentar o que deve ser expresso. Entretanto é preciso também saber respeitar, honrar as resistências que nos protegem. A utilização de um meio mais assegurador é, às vezes, necessário, quando se trata de explorar conteúdos inconscientes muito novos. (DUCHASTEL 2010, p 119)

É fato que o contato com o terapeuta, as atividades, os jogos, as brincadeiras e as conversas são o começo de um processo de cura para o que se veio buscar. A partir do momento que a criança ou adolescente inicia um atendimento psicopedagógico, questões ligadas ao vínculo com aprendizagem e ao papel que este sujeito tem diante de seu aprendizado começam a ser mobilizadas e transformadas.

Pode-se pensar então em todo processo de investigação psicopedagógica, levando em consideração o quanto os vínculos são importantes para o aprendizado, uma vez que qualquer

dificuldade nesse aspecto pode acarretar também problemas que interferem no aprendizado e que vão além do pedagógico.

Percebe-se o quanto as atividades de Arteterapia favoreceram esses encontros com as crianças e adolescentes em um momento que muitas vezes é permeado de ansiedades, angústias e dúvidas do que será realizado. Utilizar-se das técnicas de Arteterapia favoreceu a formação do vínculo e também a livre expressão durante esses encontros, permitindo uma avaliação menos tensa, com mais qualidade na observação e uma ponte que facilitou a entrada no processo de intervenção, na medida que ajudou a baixar as resistências que apareceram como por exemplo a recusa e a negação da necessidade de ajuda.

Para Duchastel (2010), no momento que se concentra a atenção no processo de criação, há um encorajamento de que se tome a responsabilidade do que se faz e da maneira como se está dirigindo os eventos da vida, como uma ação de autonomia. Portanto, ao possibilitar atividades que envolvam técnicas expressivas, é possível avaliar como o sujeito age diante de tal liberdade. Se isso o encoraja ou assusta e a partir daí também pensar em estratégias de intervenções futuras.

Através das tintas, giz, pincéis, papéis, sucatas, blocos de montar, brinquedos, pode-se ver com maior facilidade a possibilidade de avaliar a escrita, leitura, matemática, atenção, agitação motora e acima de tudo os aspectos emocionais que permeiam tudo isso, pois o vínculo se tornava mais fácil de se estabelecer, uma vez que era um facilitador para o paciente se expressar para além das palavras e registros escritos, os quais, muitas vezes, era exatamente onde se localizava a dificuldade da criança/adolescente.

Durante esse processo, o terapeuta fará uso de sua técnica propondo os materiais e as técnicas expressivas. Dessa forma, é necessário primeiramente que ele tenha instrumentalização teórica e experiência com a riqueza de materiais, técnicas e suas propriedades, para que saiba oferecê-las durante o processo terapêutico. (MORAES, 2018, p 64)

Para Moraes (2018), dentro do setting arteterapêutico, o paciente tem a oportunidade de sair do ponto que traz angústia e entrar em movimento. Aqui faço um paralelo com o processo de intervenção que já se inicia no primeiro encontro do psicopedagogo com seu paciente, permitindo ali, não só um espaço de avaliação, mas também um espaço de mudança. Moraes (2018) caracteriza esse momento como um “agir criativo”, sendo um convite para que o sujeito saia de um momento de inércia para um movimento, abrindo espaço para o novo. Um ambiente no qual o paciente tenha oportunidade de enfrentar suas dificuldades e resistências, passando a se perceber como um autor e protagonista da sua obra/história.

Eliana Moraes, em seu livro *Pensando a Arteterapia* (2018), nos traz muito da contribuição da Arteterapia para o processo de autoconhecimento quando escreve que no ambiente arteterapêutico o cliente ou paciente é convidado a agir sobre suas questões além de falar sobre elas, a partir de suas criações. Isso pode-se relacionar diretamente ao fazer psicopedagógico, pois também é possível que o profissional possibilite situações e atividades nas quais a criança/adolescente tenha um papel de criar e agir no que diz respeito às suas questões que podem estar impedindo um bom vínculo com o aprendizado ou um bom desempenho escolar.

Tais resultados aqui levantados e estudados, trazem inquietações de como a Arteterapia pode favorecer todo o processo inicial de atendimento no trabalho psicopedagógico de ambos os lados: favorecendo a linguagem, expressão e comunicação de quem está sendo atendido e também permitindo uma ampliação do olhar do profissional para além das testagens formais que cercam o trabalho psicopedagógico.

CONCLUSÃO

Na maioria das vezes, o início do trabalho psicopedagógico é realizado com uma entrevista familiar e na sequência uma série de encontros com a criança e ou adolescente para investigação do que está impedindo o bom rendimento e aproveitamento escolar. Esse início é marcado por uma série de atividades e testes que muitas vezes são cansativos para a e exigem do profissional flexibilidade e sensibilidade para fazer uso dessas ferramentas e instrumentos de maneira equilibrada, para que não obtenha resultados falsos sobre a real condição da criança.

Por se tratar de crianças que apresentam desmotivação com o aprendizado, ser submetidas a testes e mais testes, pode aumentar ainda mais a desmotivação em relação ao que de verdade sabem. É aqui, neste ponto, que vi na Arteterapia uma rica possibilidade para tornar esses encontros iniciais mais leves, proveitosos, interessantes e além disso, facilitar o vínculo do profissional com a criança. Muitas vezes, no início dos atendimentos psicopedagógicos o paciente está numa busca, numa procura inconsciente pelo olhar, pelo cuidado, na busca por algo que lhe falta. Portanto, falar de vínculo é falar desse processo que se inicia no nascimento e que segue por toda a vida.

O vínculo, portanto, que se estabelece entre paciente e terapeuta neste sentido é fundamental e nesse ponto é possível perceber inclusive falhas na maternagem e na relação inicial entre mãe e bebê. Essa relação inicial ditará todo o processo de aprendizado da infância e através dele que o desenvolvimento seguirá buscando o amadurecimento. Um processo que se inicia ao nascer e permanece pela vida toda. Essa conexão que aqui é chamado de vínculo, será a base para um processo que vivenciarão juntos: terapeuta e paciente/cliente. Novamente uma reflexão sobre a obra de Winnicott e toda sua contribuição dedicada à relação de confiança que o bebê estabelece com seu cuidador e como isso pode influenciar todo o processo de aprendizagem de um indivíduo. Para ele tudo vai depender dessa relação de confiança que é estabelecida.

Os atendimentos iniciais, portanto, são importantes para que a criança ou adolescente perceba que tipo de espaço ele terá ali, que tipo de relação começa a se estabelecer, o que poderá confiar ao terapeuta, falar, expressar e ressignificar o que sabe.

Com esse estudo, procurei dar destaque para o quanto as técnicas expressivas podem favorecer o início dos trabalhos psicopedagógicos na clínica, possibilitando uma oportunidade de conhecer quem está sendo atendido de maneira ampliada, para além dos testes padronizados, incentivando dessa forma os profissionais da área a buscarem a especialização e aprofundamento no estudo da Arteterapia.

Minha inquietação começou no momento em que me vi iniciando meus atendimentos de avaliação psicopedagógica priorizando instrumentos de Arteterapia em detrimento de testes formais psicopedagógicos. Enxerguei inúmeras possibilidades através de propostas de artes, nas quais os pacientes (crianças e adolescentes) se envolviam de maneira motivada, o que me permitia acessá-los mais facilmente e aos poucos aproximarem-se das questões pedagógicas que os trouxeram até ali.

A Arteterapia facilita a expressão para além dos testes projetivos que são na maioria das vezes usados nas avaliações psicopedagógicas. Testes estes que são excelentes instrumentos utilizados e comprovadamente eficientes, porém, dificultam o processo para aqueles que não se expressam com a utilização de lápis, borracha e o uso das palavras, mas que muitas vezes causam inibição e impedem que a criança se apresente de maneira natural.

As técnicas arteterapêuticas facilitam a formação do vínculo do profissional com quem está sendo atendido, uma vez que o uso da palavra, o diálogo, nem sempre é um facilitador para crianças e adolescentes, que se expressam muitas vezes de forma mais à vontade quando

diante de uma proposta de trabalho envolvendo arte, o jogo, criando um projeto, ao invés de uma conversa.

Os atendimentos iniciais nesse sentido são importantes para que a criança ou adolescente perceba que tipo de espaço ele terá ali, que tipo de relação que começa a se estabelecer, o que poderá confiar ao terapeuta, falar, expressar, ressignificar e aqui a arteterapia tem muito a contribuir com os profissionais da psicopedagogia.

Todo esse processo acontece de forma inconsciente na maioria das vezes, mas essa relação de confiança que se inicia entre terapeuta e quem está sendo atendido é fundamental para todo o decorrer do processo que acontecerá dali em diante. Essa confiança que se estabelece nesse encontro, pode ser o disparador para futuros aprendizados.

Estabelecer um bom vínculo inicial nos encontros psicopedagógicos e arteterapêuticos se faz de extrema importância, para que as experiências ali vividas sejam de fato significativas e reais para quem está sendo cuidado e olhado. Esse vínculo pode ser facilitado pela Arteterapia na medida que a arte permite a livre expressão do que aquela pessoa traz consigo nos encontros iniciais. Permite que essa criança ou adolescente que está sendo atendido vivencie um espaço não só de acolhimento para suas questões como também um espaço que pode ser usado para seu desenvolvimento, autoconhecimento e descobertas de potencialidades que vão além de suas dificuldades. A arte facilita todo esse processo de enriquecimento pessoal, amadurecimento e o processo de investigação psicopedagógica para além do pedagógico, mas sim uma ampliação para todos os aspectos afetivos envolvidos em uma aprendizagem.

Falar de avaliação psicopedagógica sem levar em conta os vínculos iniciais de uma criança ou adolescente e valorizar apenas testes torna esse momento do trabalho psicopedagógico incompleto, uma vez que apenas uma parte do sujeito será olhado, deixando de lado fatores de fundamental importância, por isso o destaque dado a este estudo, valorizando a Arteterapia como uma ferramenta facilitadora deste vínculo, permitindo que o paciente se expresse, demonstre suas vontades, habilidades, desejos, angústias e acima de tudo inicie um contato verdadeiro com o terapeuta, facilitando dessa forma todo o processo e caminho que irão trilhar juntos em busca da compreensão do que impede esse paciente de ter um desempenho satisfatório e pleno no seu desenvolvimento cognitivo.

Vejo aqui uma oportunidade de oferecer ao paciente através da arteterapia um espaço não só de cura para suas “dificuldades escolares”, mas também uma chance de resgate do vínculo que pode ter se perdido em algum momento.

Acredito portanto que nos cursos de formação em psicopedagogia deveriam ser abordados temas que incluíssem o estudo de técnicas expressivas como instrumento também a serem utilizados pelos profissionais. Um aprofundamento neste estudo, faria diferença na formação dos futuros psicopedagogos para que o momento de avaliação das crianças e adolescentes que chegam ao consultório psicopedagógico, possa ser também um espaço no qual o olhar sistêmico se faça presente, favorecendo a expressão e comunicação do cliente e também favorecendo o trabalho do profissional. Isso ampliaria o trabalho para além de testes e sondagens cognitivas, para um olhar ampliado, do todo. Seria enriquecedor que os cursos de formação em psicopedagogia incluíssem o estudo da Arteterapia como complementação, como aprofundamento, incentivando inclusive os formandos a buscarem a especialização.

Minha prática como psicopedagoga mudou completamente à partir da formação em Arteterapia, portanto sugiro a busca, por profissionais da área, por essa formação, integrando dessa maneira o fazer psicopedagógico ao olhar arteterapêutico, aperfeiçoando dessa maneira o olhar sistêmico que é necessário no atendimento clínico.

Lista de Figuras



Figura 1. Graça, 12 anos



Figura 2. Graça, Tinta e sacola plástica



Figura 3. Graça, caneta e isopor

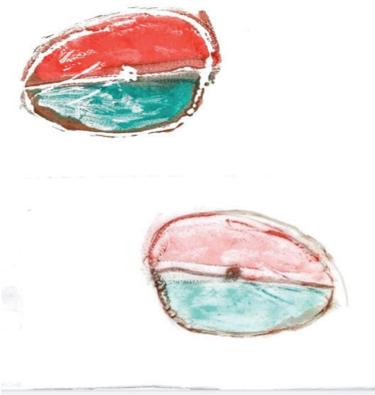


Figura 4. Breno, 6 anos, Bandeja de isopor / carimbo.

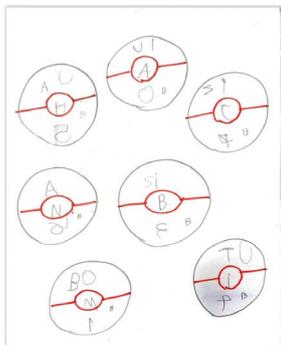


Figura 5. Breno, 6 anos, lápis de cor e canson.



Figura 6. Breno, uso do compasso e canetinha.



Figura 7. Breno. Jogo Soletrando.



Figura 8. Marcos, 9 anos. Guache com canson.

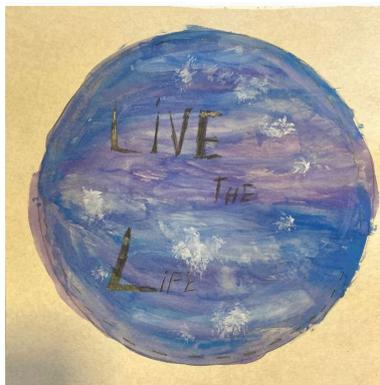


Figura 9. Graça, Mandala com tinta guache e giz preto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Costa, Teresinha. *Psicanálise com crianças*. Rio de Janeiro. Zahar, 2010.

Duchastel, Alexandra. *O caminho do imaginário: o processo de arte-terapia*. Paulus:2010.

Fernández, Alicia. Os idiomas do aprendente: análise de modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Artmed Editora:2001.

Moraes, Eliana. Pensando a Arteterapia. Espírito Santo. Semente Editorial: 2018.

Parente, Sonia M B A. Encontros com Sara Pain. Vetor: 2008.

Pinto, Manuel da Costa. Livro de outro da psicanálise. Rio de Janeiro, Ediouro: 2007.

Reynolds, Peter H. O ponto. São Paulo, Martins Fontes:2019.

Weiss, Maria Lucia Lemme. Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro, DP&A:2004

Winnicott, Clare. Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott . Porto Alegre, Artmed Editora: 1994.

Winnicott, D. W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre, Artmed Editora: 1983.

Winnicott, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro, Imago Editora: 1975.